

22-02-2021

As mudanças climáticas e a Covid-19

Ubirajara Mattos

[Engenheiro. Professor titular da Faculdade de Engenharia da UERJ]

Na Convenção sobre mudança do clima, em 1992, a ONU definiu mudança climática aquela que "... possa ser direta ou indiretamente atribuída à atividade humana que altere a composição da atmosfera mundial e que se some àquela provocada pela variabilidade climática natural observada ao longo de períodos comparáveis." Assim entende-se que essas mudanças podem ocorrer tanto de causas naturais, como de causas antrópicas - ações humanas. Dentre as antrópicas destacam-se as emissões de gases de efeito estufa e o progressivo desmatamento vinculado à mineração, à expansão da agropecuária e à indústria madeireira. As consequências, dentre outros eventos da natureza, são tempestades tropicais intensas, chuvas torrenciais, secas, inundações, enchentes, deslizamentos de terra, descongelamento das geleiras, aumento do nível dos oceanos. Vários pesquisadores têm observado que as mudanças atuais, podem desafiar a capacidade de adaptação e de resposta do planeta, pois ainda são parcialmente desconhecidas, mesmo considerando as várias iniciativas científicas que visam proporcionar uma melhor compreensão desses processos em uma escala planetária integrada. A vida em sociedade global tem implicado em conviver com diferentes riscos e ocorrem incertezas quanto ao futuro do planeta. Estudos científicos informam que cerca de 75% das novas doenças que emergiram nos últimos 50 anos e diversas pandemias tiveram como origem os animais silvestres. Com o desmatamento intenso e o tráfico de animais selvagens muitos microorganismos novos foram trazidos para centros urbanos, possibilitando o seu contato com os seres humanos e animais domésticos. Essa tem sido considerada, no meio científico, a explicação mais plausível para o surgimento do coronavírus (Covid-19). A Covid-19 é uma doença respiratória e cardiovascular nova, que se tornou uma grave pandemia, espalhando-se rapidamente pelo planeta. Os primeiros casos foram encontrados na cidade chinesa de Wuhan, no início de dezembro de 2019. No Brasil, a Covid-19 foi identificada em 26 de fevereiro de 2020. A OMS considerou como estado de pandemia a disseminação da Covid-19 em 11 de março de 2020.

Uma pandemia é declarada quando ocorre uma doença infecciosa que ameaça, simultaneamente, muitas pessoas ao redor do mundo. Este texto pretende fazer uma breve discussão sobre a relação entre as mudanças climáticas e a Covid-19. Pretende-se pontuar e comentar quatro questões:

a) *Será que essa relação existe?* Para governos, intelectuais ou a academia tradicional, a Covid-19 é uma crise à parte e, portanto, deve ser resolvida separadamente das crises do clima, da queda dos preços do petróleo e outras. As suas supostas soluções sempre aprofundaram as crises ou criaram outras, mas as organizações e os povos em movimento já se dão conta de que a crise climática e a COVID-19 fazem parte da mesma crise histórica.

A OMS considera as mudanças climáticas a maior ameaça à saúde mundial do século XXI. Dentre os principais riscos para a saúde têm-se aumento da prevalência de doenças transmitidas por vetores. Além da OMS, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) da ONU declara haver um consenso científico, estabelecido há muitos anos, quanto a essa relação.

b) *A Covid-19 interrompeu as mudanças climáticas?*

As paralizações de várias atividades e reduções nos fluxos de veículos, em boa parte do planeta, devido ao isolamento (*lockdown*), melhorou a qualidade do ar e reduziu a poluição dos corpos hídricos, com as menores taxas de emissões de gases e de cargas de efluentes industriais. Um relatório de várias agências de organizações científicas líderes, conhecido como relatório da *United in Science 2020*, confirmou que após um declínio temporário causado pelo bloqueio e desaceleração econômica, as mudanças climáticas não pararam para COVID-19.

As emissões estão caminhando na direção de níveis pré-pandêmicos. As concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera estão em níveis recordes e continuam aumentando.

c) *As mudanças climáticas serão agravadas no pós-covid?*

Com a chegada da vacina e a retomada da economia no mundo haverá agravamento da crise climática com aumento na frequência de eventos catastróficos. De acordo com o relatório do *Lancet Countdown*, publicado em 2/12/20, o mundo sofrerá "efeitos secundários não desejados" se a recuperação econômica pós-covid priorizar os combustíveis fósseis. Segundo o relatório da *United in Science 2020* ele deverá ter seus cinco anos (2020-2024) mais quentes já registrados – em uma tendência que provavelmente continuará – e não está no caminho para cumprir as metas acordadas para manter o aumento da temperatura global bem abaixo de 2 ° C ou 1,5 ° C acima do período pré-industrial.

d) *Quais são as perspectivas futuras para enfrentamento de eventos extremos e evitar surgimento de novas doenças?*

As mudanças climáticas devem exigir novas maneiras de se pensar o controle e a prevenção das doenças em um futuro próximo.

O monitoramento da incidência e da expansão geográfica dessas doenças deve fazer parte da vigilância epidemiológica, com foco sobre as populações que já sofrem ou que poderão sofrer os impactos da variação climática. Investimentos na redução do desmatamento, controle de tráfico de animais silvestres e monitoramento de possíveis doenças emergentes seriam uma maneira relativamente barata de evitar estragos de futuras pandemias. Para o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, "Nunca antes esteve tão claro que precisamos de transições limpas, inclusivas e de longo prazo para enfrentar a crise climática e alcançar o desenvolvimento sustentável. Devemos transformar a recuperação da pandemia em uma oportunidade real para construir um futuro melhor".

Outras iniciativas não devem ser ignoradas como a proposta da pesquisadora Ivonne Yáñez, Acción Ecológica, Equador.

"Várias organizações de base propõem saídas: soberania alimentar e energética, trabalho em mútuo, solidariedade, organização comunitária. É um reencontro com os territórios e uma territorialização das lutas. As propostas dos povos vêm de baixo e são participativas – no sentido de defender os territórios contra o extrativismo e as mudanças climáticas e como ações de cuidado coletivo contra a pandemia."

Essas últimas iniciativas contrastam com as dos estados centralistas. Talvez por essa razão, os seus resultados sejam mais eficazes do que os de qualquer governo de esquerda ou direita, progressista ou neoliberal.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.